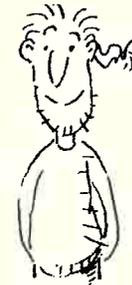


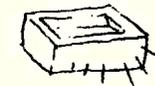
O que é a mente?

Minha mente

Este sou eu.



E isto é um tijolo.



Uma diferença importante entre mim e o tijolo é a seguinte: ao contrário do tijolo, tenho uma *mente*.

Então o que passa pela minha mente? Bem, ter uma mente típica humana significa que posso *ter experiências*. Por exemplo, posso deliciar-me com o gosto da geleia de laranja e com o cheiro do café que acabam de fazer.



Também posso *tomar decisões*. Por exemplo, posso decidir dar uma caminhada.

Ter uma mente humana típica significa que também posso *ter sensações*, como a dor, e *resolver coisas* (como as respostas às palavras cruzadas).



Também posso *lembrar coisas*, *sentir emoções* e *ter crenças* (como minha crença de que vai chover).



Um tijolo, por sua vez, não pode fazer nada disso.

Mentes de morcego

É claro que não são só os humanos que têm mentes. Pegue os morcegos, por exemplo. Parece que os morcegos também têm mentes. Mas também parece que a mente do morcego é muito diferente da nossa.

Os morcegos usam algo chamado *ecolocalização* para encontrar seu caminho. O morcego emite um guincho muito agudo. O ruído é tão agudo que nós, os humanos, não conseguimos ouvi-lo.



O ruído ricocheteia nos objetos perto do morcego, produzindo um eco. O morcego tem ouvidos muito grandes e sensíveis para ouvir esse eco. A força do eco, a direção da qual vem e o tempo que demora para voltar permitem que o morcego construa uma imagem do que está ao seu redor.



Usando a ecolocalização, um morcego consegue “enxergar”, mesmo quando está completamente escuro. É assim que os morcegos conseguem voar à noite sem bater em nada.

Pergunto-me como seria a mente do morcego. Como é o mundo para um morcego quando ele “enxerga” usando a ecolocalização? A experiência do morcego deve ser de fato muito estranha. Deve ser bem diferente de qualquer experiência que podemos ter.

O cérebro

Não tenho apenas uma mente. Tenho também um *cérebro*. Meu cérebro é um órgão meio lodoso, cinzento, que se encontra na minha cabeça entre minhas orelhas.



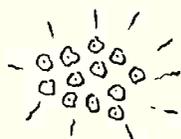
Átomos e moléculas

É claro que o cérebro é um *objeto físico*. Faz parte do universo físico. Exatamente como os outros objetos físicos, meu cérebro é feito de *matéria física*.

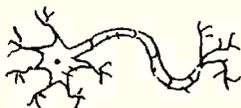
A matéria física é feita de partículas minúsculas chamadas *átomos*. Esses átomos agrupam-se para formar partículas levemente maiores chamadas *moléculas*. Todo objeto físico — o seu cérebro, um amendoim, este pedaço de papel, uma escrivinha ou até o planeta Terra — é feito de átomos e moléculas.

Células

Um corpo vivo é feito de partes minúsculas chamadas *células*.



Seu corpo é feito de muitos *bilhões* de células. As células que formam seu cérebro e seu sistema nervoso são chamadas *neurônios*. Este é um neurônio.



Há *milhões e milhões* de neurônios em seu cérebro. Isso é quase tantos neurônios quantas são as estrelas de nossa galáxia!

Cada um desses neurônios é, por sua vez, formado de átomos e moléculas.

Como minha mente e meu cérebro interagem

O que faz o cérebro? Alguns gregos da Grécia antiga achavam que o cérebro era simplesmente um órgão para resfriar o sangue (mais ou menos como o radiador do carro resfria a água).

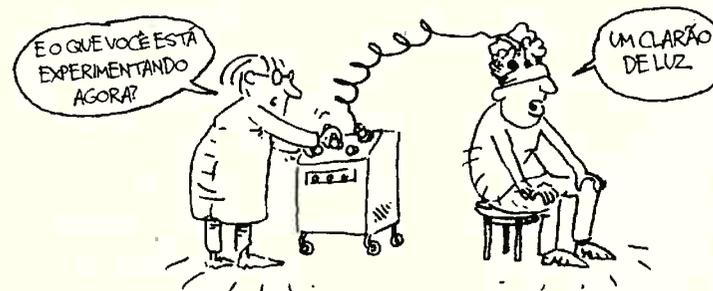
Mas é claro que hoje sabemos que a finalidade do cérebro é um tanto diferente. Sabemos que o cérebro está intimamente ligado à mente. Sabemos que o que acontece no cérebro afeta o que acontece na mente, e o que acontece na mente afeta o que acontece no cérebro.

Muitas drogas ilustram como o que acontece no cérebro pode afetar o que acontece na mente.

Por exemplo, mudando sutilmente o que está acontecendo em meu cérebro, um analgésico pode fazer minha experiência de dor desaparecer.

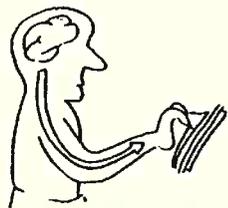


Os cientistas também descobriram que, estimulando o cérebro de várias maneiras, podem produzir alguns tipos de experiências na mente, como experiências visuais. Por exemplo, descobriram que, aplicando uma corrente elétrica diminuta em uma região na parte posterior do cérebro, podem fazer a pessoa experimentar um clarão de luz.



Não há portanto dúvidas de que o que acontece no cérebro pode afetar o que acontece na mente. E o inverso também é verdadeiro. O que acontece na mente pode afetar o que acontece no cérebro.

Por exemplo, um cientista vai lhe dizer que, quando você decidir virar esta página, vai acontecer algo em seu cérebro. Seu cérebro manda impulsos elétricos aos músculos de seu braço. Esses impulsos fazem os músculos mover-se fazendo sua mão virar a página. Esse movimento de seu braço foi provocado por algo que aconteceu em seu cérebro.



Portanto os cientistas mostraram que a mente e o cérebro estão intimamente ligados. No entanto, a maior parte do que ocorre dentro do cérebro continua sendo um mistério. Porque o cérebro é *incrivelmente* complexo. É um alvoroço de atividades químicas e elétricas.

Minha mente é um lugar privado

Há um fato estranho com relação às mentes: parecem estar *escondidas* de uma maneira muito peculiar. Suponha que eu olhe para algo roxo-brilhante: por exemplo, minha caneta roxo-brilhante.

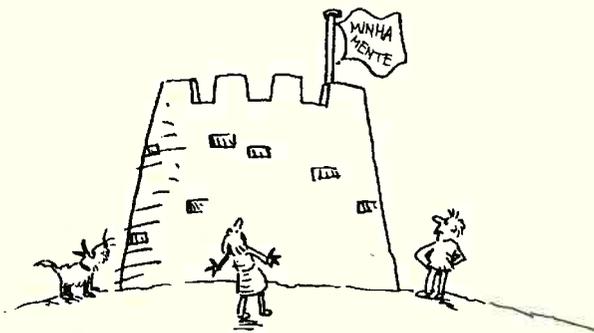
Ninguém consegue entrar na minha mente e ter minha experiência dessa cor comigo. Só eu consigo ter minha experiência.

Claro que outras pessoas podem ter experiências exatamente iguais às minhas. Se você olhar para minha caneta, sem dúvida

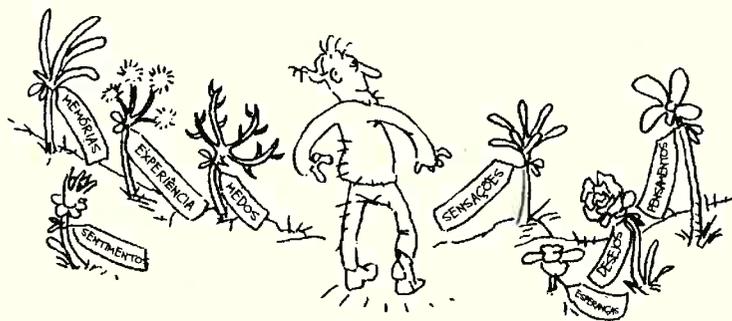


terá uma experiência semelhante de sua cor. Mas sua experiência é sua, e a minha experiência é minha.

Em outras palavras, é como se minha mente tivesse uma parede super-resistente ao redor dela: uma parede que impede que outras pessoas entrem nela.

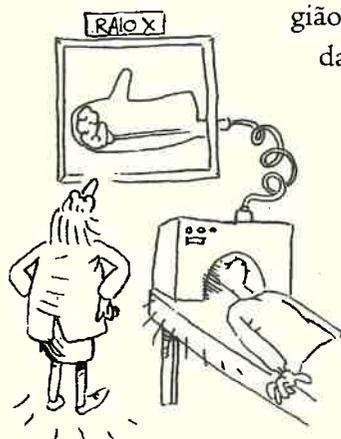


Todas as minhas experiências, meus pensamentos, meus sentimentos, etc. estão encerrados atrás dessa parede.



Minha mente parece ser como um jardim secreto, um lugar escondido, dentro do qual só eu posso vagar.

Na verdade, o interior da minha mente parece ser escondido dos outros de um modo que até o interior de meu cérebro não é. É claro que os cirurgiões de cérebro podem fazer um raio X de meu cérebro. Podem até abrir meu crânio e ver o que está acontecendo em meu cérebro. Mas parece que nem mesmo um cirur-



gião de cérebro pode penetrar no domínio da minha mente. Se fossem olhar dentro do meu cérebro bem agora, não deparariam com minha experiência da cor dessa caneta. Não achariam nada roxo-brilhante. Só encontrariam um monte de lodo cinzento.

Exatamente o mesmo é verdade sobre a mente de um morcego. Parece impossível penetrarmos na mente de um morcego e desco-

brirmos como é ser um morcego. Pa-

rece que, mesmo que soubéssemos absolutamente tudo o que há para saber sobre o que está acontecendo fisicamente dentro de um cérebro de morcego quando ele “enxerga” um objeto usando a ecolocalização, isso ainda não nos diria como é realmente a experiência *para o morcego* no interior de sua mente. Continuaríamos não sabendo como é a experiência do mundo para um morcego.



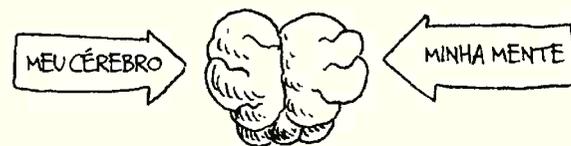
A grande questão: o que é a mente?

Vamos agora examinar a minha questão filosófica neste capítulo. Minha questão é: *o que é a mente?* O que é essa coisa que é consciente, que pensa, que tem experiências, que sente felicidade,

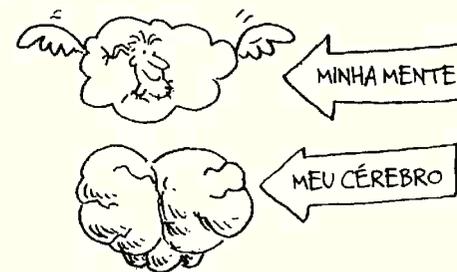
raiva e outras emoções, que tem esperanças e medos, que toma decisões, etc.?

Neste capítulo, vamos examinar duas respostas diferentes que os filósofos deram a essa questão.

A primeira resposta é: a mente, de certa forma, *faz parte do mundo físico*. Como a mente faria parte do mundo físico? Bem, uma maneira óbvia seria: o que ocorre em sua mente seria simplesmente o que ocorre em seu cérebro. Talvez nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas emoções, nossas experiências e assim por diante nada mais sejam do que processos físicos ocorrendo dentro de nossos cérebros. Talvez a mente seja apenas o cérebro.



A segunda resposta é: a mente *é separada do mundo físico*. A mente pode interagir com o cérebro, mas certamente não é a mesma coisa que o cérebro.



De acordo com essa segunda resposta, nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas emoções, nossas experiências e assim por diante são *algo adicional*: algo que se acrescenta ao burburinho de atividade que ocorre em nossos cérebros.

Qual dessas duas respostas você acha mais plausível?

Aisha e Kobir

Você se lembra de Aisha? Bem, há pouco tempo ela conheceu Kobir, um amigo nosso. Kobir estuda ciências. É universitário.



Aisha e Kobir resolveram tomar um café num bar da cidade. E, como vocês logo descobrirão, acabaram discutindo sobre a mente. Kobir achava que a mente tem de ser parte do mundo físico. Mas Aisha estava convencida de que a mente é algo adicional, algo por cima do que está ocorrendo fisicamente.



Kobir: Mmmm, eu estava precisando tomar um café.

Aisha: Eu também. Adoro café. Mas, conte-me, o que fez hoje de manhã?

Kobir: Hoje de manhã fui assistir a uma palestra do doutor Jones sobre o cérebro.

Aisha então perguntou a Kobir qual tinha sido o tema da palestra daquela manhã sobre o cérebro.



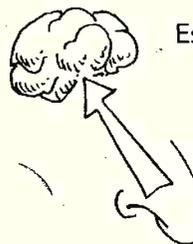
Kobir: Hoje o doutor Jones explicou como todas as nossas experiências do mundo são provocadas por nossos órgãos dos sentidos — nossa pele, nossos olhos, nosso nariz, nossos ouvidos e nossa língua —, que mandam impulsos elétricos para nossos cérebros.

Aisha: É mesmo?

Kobir: Aqui está um exemplo. Sinta o cheiro desse café. Cheira bem, não cheira?

Aisha: Cheira. É um ótimo café.

Kobir: Então, segundo o doutor Jones, a experiência que você tem quando sente o cheiro desse café é provocada por partículas diminutas que viajam do café até o seu nariz. Essas partículas entram em contato com as células dentro de seu nariz.



Essas células mandam impulsos elétricos para o seu cérebro.

Isso faz com que algo aconteça em seu cérebro. É assim que finalmente você tem a experiência que está tendo.

Aisha: Que interessante!

Kobir: Não é mesmo? É fascinante descobrir que todas as nossas experiências são realmente apenas algo físico que acontece em nossos cérebros.

Aisha: O quê? Espere um pouco. Você está sendo um pouco precipitado.

Kobir pareceu surpreso. Por que Aisha de repente discordava do que ele estava dizendo?

Kobir: Qual é o problema?

Aisha: É o seguinte. Sei que é verdade que, quando eu tenho essa experiência, algo ocorre também no meu cérebro.

Kobir: Sim, está certo.

Aisha: Mas então você disse que minha experiência é algo físico acontecendo no meu cérebro, não disse?

Kobir: Claro!

Aisha: Bem, não acredito *nisso!* Talvez a ciência tenha demonstrado que, quando temos experiências, algo também acontece nos nossos cérebros. De fato, parece claro que nossas mentes e nossos cérebros interagem. Mas isso não prova que nossas experiências *são* apenas algo acontecendo em nossos cérebros, prova?

Por que Aisha acha que sua experiência não pode estar em seu cérebro

Aisha certamente tem razão em dizer que, embora a ciência possa ter demonstrado que, sempre que algo acontece em nossas mentes, algo também ocorre em nossos cérebros, disso não decorre que o que acontece em nossas mentes é apenas o que ocorre nos nossos cérebros.

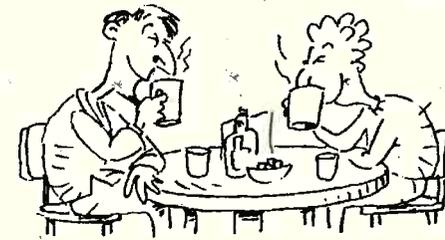
No entanto, há algum motivo para supor que a experiência de Aisha *não* é algo ocorrendo em seu cérebro? Aisha acha que há.

Aisha: Na verdade, acho óbvio que minha experiência *não pode* ser algo acontecendo em meu cérebro.

Kobir: Por que não?

Aisha: Está bem. Cheire seu café.

Aisha e Kobir aspiraram profundamente.



Aisha: Então *como* foi sua experiência?

Kobir: O que você quer dizer com *como* foi?

Aisha: Concentre sua atenção na experiência. Há uma maneira de sentir essa experiência, não há? Uma maneira *sua*, *de dentro de sua mente*. Então, diga-me, *como* é?

Kobir aspirou o café novamente.

Kobir: Mmmmm. É difícil de descrever. É muito agradável. Uma espécie de *ácido e picante*.

Aisha: É, a minha também é assim.

Kobir: Então, aonde quer chegar?

Aisha: Bem, se você fosse olhar meu cérebro bem agora enquanto estou tendo essa experiência, não iria achar nada *ácido e picante*, iria?



Se você penetrasse no meu cérebro e o examinasse, só encontraria um monte de lodo cinzento. Por mais que examinasse em detalhes o que está acontecendo no meu cérebro, não apareceria nada de ácido e picante, apareceria?

Kobir: Acho que não.

Aisha: Então, se minha experiência é ácida e picante, mas nada no meu cérebro é ácido e picante, minha experiência não pode ser nada no meu cérebro, pode?

O que você acha do argumento de Aisha? Aisha demonstrou que sua experiência não é física?

Temos almas?

Kobir certamente não estava convencido do argumento de Aisha. Na verdade, nem tinha certeza de que havia entendido o que Aisha estava sugerindo.

Kobir: Não estou conseguindo acompanhar. Então o que é sua experiência, se não é física? Ela *tem de ser física*. Afinal, só existe o universo físico.

Mas Aisha achava que havia necessariamente algo mais do que apenas o universo físico.

Aisha: Não concordo. De maneira alguma algo físico poderia ter *isso*, a experiência do ácido e do picante que estou tendo agora. De maneira alguma isto poderia ser de fato *consciente*. Então, como *tenho* essas experiências, como *estou* consciente, não posso ser nenhuma coisa física, posso? Deve haver outro tipo de coisa.

Kobir: Que tipo de coisa?

Aisha: Devo ser uma *alma*.

Kobir estava agora realmente confuso. Perguntou o que Aisha queria dizer por uma “alma”.

Aisha: Uma alma não faz parte do universo natural, físico com o qual vocês, cientistas, lidam. Não estou falando de um objeto

físico, um objeto feito de matéria *física*, como uma montanha, um lago, um amendoim ou uma tigela de bugigangas. Estou falando de *outra espécie de coisa completamente diferente*. Estou falando de coisas *não-físicas*. Coisas *sobrenaturais*. Coisas *da alma*!

Kobir: Então você acredita que não fazemos parte do universo físico? Você — a coisa que tem experiências, pensamentos, sentimentos conscientes, etc. — é uma *alma*?

Aisha: Isso mesmo.

Kobir: E eu também tenho alma?

Aisha: Claro. Nós dois temos almas.

Qual o cheiro de uma experiência de alma?

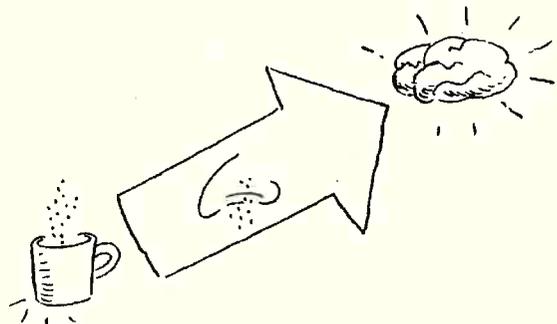
Vamos chamar a teoria de Aisha de que todos nós temos uma alma de *Teoria da Alma*.



Segundo Aisha, ela tem um corpo físico. Mas ela própria não é algo físico. Ela — a coisa que tem experiências conscientes, a coisa que pensa e sente — é uma alma. Isso significa que, depois que seu corpo físico morrer e deixar de existir, Aisha ainda pode continuar existindo.

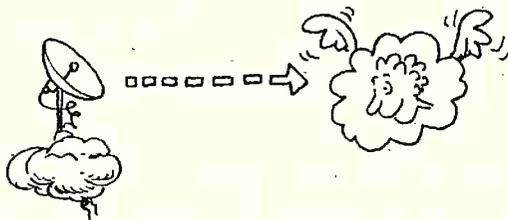
Então como, segundo a Teoria da Alma, Aisha experimenta as coisas no mundo físico? Como, por exemplo, Aisha chega à experiência de sentir o cheiro do café em sua frente?

Aisha concorda com Kobir que as partículas diminutas do café sobem pelo seu nariz. Essas partículas então estimulam as células de dentro de seu nariz — as células das quais Kobir estava falando. As células, em seguida, enviam impulsos elétricos para seu cérebro.



Mas, segundo Aisha, Kobir não tem razão em dizer que o que acontece no cérebro de Aisha é sua experiência. É sua *alma* que tem a experiência, não seu cérebro.

Então como o cérebro de Aisha faz sua alma ter a experiência? Bem, segundo Aisha, é como se seu cérebro tivesse um pequeno transmissor. Esse transmissor permite que seu cérebro mande uma mensagem para sua alma.



É assim que a alma de Aisha chega à experiência do cheiro do café.

Paraíso e reencarnação

É claro que muitas pessoas religiosas acreditam na Teoria da Alma. Algumas até acreditam que depois que seus corpos físicos

morrerem, suas almas continuam a viver. Vão para o Paraíso. Outras acreditam na *reencarnação*: acreditam que, quando morrerem, suas almas passam para outro corpo físico (embora possa ser um corpo não-humano: podem reencarnar como um cachorro ou uma lesma).



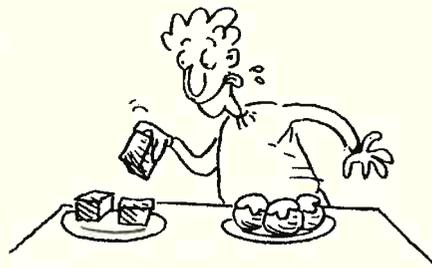
Mas, embora muita gente acredite na Teoria da Alma, certamente há muita coisa a engolir. Mesmo que você acredite na Teoria da Alma, tem de admitir: a afirmação de que não existe apenas a coisa física, de que existe também uma espécie de coisa sobrenatural, da alma, com certeza não soa muito *científica*, soa?

Um problema na Teoria da Alma

Aisha levantou-se e foi até a mesa de doces. Diante dela, havia dois pratos.



Num dos pratos havia bombas geladas. No outro, *brownies* de chocolate. Aisha decidiu pelo *brownie* de chocolate. Então estendeu sua mão, envolveu um dos *brownies* de chocolate com os dedos e pegou-o.



Em seguida Aisha tornou a sentar perto de Kobir e começou a mastigar seu *brownie*.

Kobir: Honestamente, Aisha, o que você está falando é uma bobagem! Não existem coisas como almas. Almas são tão pouco científicas!

Aisha: Por quê?

Kobir: Veja, seu corpo acabou de se mover. Sua mão se estendeu e pegou um daqueles *brownies* de chocolate.

Aisha: Claro.

Kobir: Então, o que fez sua mão se mover?

Aisha: Bem, minha mão foi movida pelos músculos do meu braço. Esses músculos, por sua vez, foram movidos por impulsos elétricos vindos de meu cérebro.

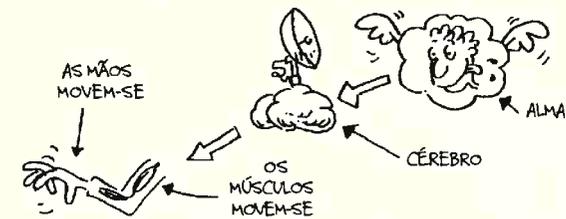
Kobir: Concordo. Isto é a visão científica. Sua mão foi movida por algo que aconteceu no seu cérebro.

Aisha: Isso mesmo.

Kobir: Mas achei que supostamente deveria ser sua *alma* o que fez sua mão se mover?

Aisha: Fez mesmo. Fez minha mão se mover fazendo algo acontecer em meu cérebro. Foi como se meu cérebro tivesse um pequeno receptor que recebesse mensagens enviadas pela minha alma.

Minha alma fez algo acontecer em meu cérebro. Isso fez meus músculos se moverem. Isso fez minha mão pegar o *brownie*.



Kobir: Então o que aconteceu no seu cérebro foi provocado por sua *alma*?

Aisha: Sim, claro.

Kobir: O que aconteceu em seu cérebro não foi provocado pelo que estava acontecendo *fisicamente*?

Aisha: Não, é óbvio que não.

Kobir achou que agora tinha detectado um problema na teoria de Aisha. Deu um gole no café e começou a explicar o problema para Aisha.

Kobir: Acho que descobri um problema em sua teoria, Aisha. O cérebro é parte do universo físico, não é?

Aisha: Claro.

Kobir: Bem, parece que o que acontece no universo físico é sempre fixado de antemão pelo fato de como as coisas são fisicamente.

Aisha: O que você quer dizer?

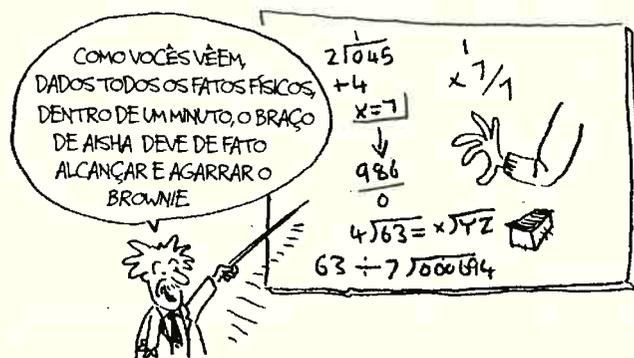
Kobir: Veja. Um minuto antes de você pegar aquele *brownie*, você ainda não tinha tomado nenhuma decisão sobre pegar um *brownie* ou uma bomba gelada, tinha?

Aisha: Não, nem tinha notado os *brownies* e as bombas.

Kobir: Certo. No entanto, parece que se os cientistas soubessem absolutamente tudo o que há para saber sobre o que estava acontecendo fisicamente neste bar um minuto antes de você pegar aquele *brownie*...

Aisha: Absolutamente tudo? Até o movimento de cada último átomo do meu cérebro?

Kobir: Sim, absolutamente tudo: se tivessem *toda* essa informação, seria possível eles descobrirem que sua mão ia se estender e pegar aquele *brownie* quando ela se estendeu e o pegou.



Veja, o que acontece no seu cérebro, o movimento de sua mão — *todos* esses eventos físicos estão estabelecidos de antemão por como as coisas são *fisicamente*. Aqui está outro exemplo: o fato de nossos dois corpos terem entrado neste bar hoje de manhã estava estabelecido de antemão por como as coisas eram fisicamente duas horas atrás, mesmo antes de nós decidirmos vir ao bar.

Aisha: E então...?

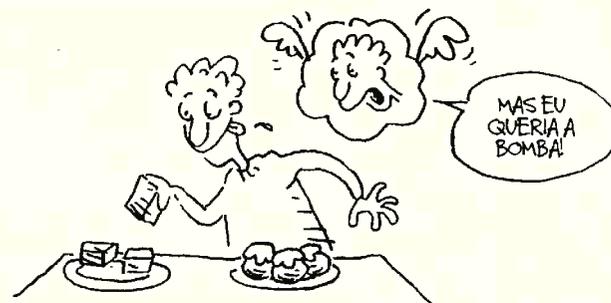
Kobir: E então isso significa que não há possibilidade de algo não-físico como uma alma afetar o que acontece no nível físico. Isso significa que *sua alma não será capaz de ter nenhuma influência sobre o que seu corpo faz*.

Aisha coçou a cabeça com um ar confuso.

Aisha: Por que não?

Kobir: Examine por essa perspectiva. Suponha que você tenha decidido *não* pegar um *brownie*. Suponha que você tenha decidido

pegar uma bomba gelada. Sua mão teria pegado aquele *brownie* de chocolate *de qualquer forma*.



Teria pegado o *brownie* porque teria sido *obrigada* por como as coisas são fisicamente.

Aisha: Ah, estou entendendo. Você está dizendo que, quando chega ao universo físico, tudo o que acontece é provocado por como as coisas eram anteriormente. Não existe, portanto, espaço para nada não-físico influir em como as coisas se tornam. Minha alma não será capaz de afetar o que a minha mão faz.

Kobir: Certo. Então, já que você *pode* fazer sua mão fazer o que você quer que ela faça, aparentemente você não pode ser uma alma. A Teoria da Alma deve estar errada.

Aisha: Que coisa!

Kobir acabara de explicar um problema muito sério e muito famoso da Teoria da Alma: se existisse algo como a alma, parece que ela não seria capaz de afetar o que nossos corpos fazem. Os filósofos tentaram inúmeras maneiras diferentes de resolver esse problema. Mas não garanto que nenhuma de suas soluções tenha realmente funcionado. Então, talvez, como Kobir, devêssemos rejeitar a Teoria da Alma.

Um mistério

Alguém que rejeita a Teoria da Alma — que acredita que haja apenas a coisa *física* — é aquele que é conhecido como um *materialista*. Se-

gundo os materialistas, só existe o mundo natural, físico. Isso significa que eu — a coisa que tem experiências conscientes, pensa, sente e assim por diante — devo de alguma forma ser *parte do* universo físico.

No entanto, o materialismo depara com um grande mistério. O mistério é o seguinte: simplesmente como poderia parte do universo físico chegar a ter a centelha da consciência? Como um mero pedaço da matéria física poderia sentir tristeza ou dor? Como conseguiria ter *isso* — a experiência que tenho quando sinto o cheiro de café na xícara sobre a escrivadinha à minha frente. Como, simplesmente juntando átomos e moléculas de determinada forma, é possível torná-los *uma unidade: uma mente*? Isso é o que os materialistas como Kobir têm de explicar.

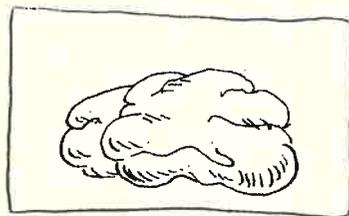
A teoria de Kobir

Na verdade, Kobir não achava que havia muito mistério a decifrar a esse respeito. Então começou a explicar a Aisha sua teoria sobre a mente.

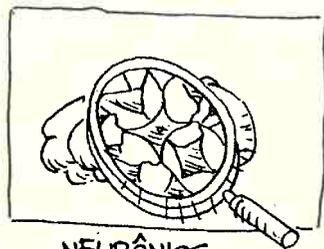
Kobir: Eu acho que cada tipo diferente de estado mental é, na verdade, apenas um tipo de *estado do cérebro*.

Aisha: Estado do cérebro?

Kobir: Vou explicar. O cérebro é um órgão muito complicado. É feito de cerca de um bilhão de células. Essas células são chamadas *neurônios*. Os neurônios são entrelaçados para formar uma rede incrivelmente complexa.



UM CÉREBRO



NEURÔNIOS

Aisha: Mas o que os neurônios têm a ver com consciência? O que têm a ver com minha experiência de dor, por exemplo?

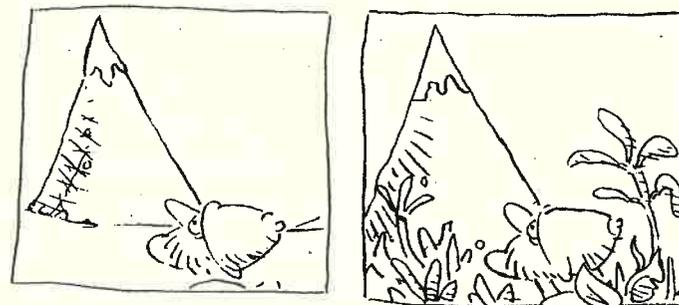
Kobir: Bem, quando alguém sente dor, seu cérebro está em determinado *estado*. Alguns neurônios estão irritados em seu cérebro.

Aisha: Entendo.

Kobir: E parece-me que alguém ter dor é só esses neurônios estarem irritados. A dor é *apenas* esse estado particular do cérebro. A dor e o estado do cérebro são *uma mesma e única coisa*.

Aisha: Não tenho certeza de que entendi.

Kobir: Veja, muitas vezes descobrimos que o que pensamos serem duas coisas diferentes é na verdade *uma única e mesma coisa*, não é? Por exemplo, um explorador pode descobrir que a montanha que vê de determinada selva e a montanha que consegue ver de determinado deserto são de fato *uma única e mesma montanha*.



O explorador não se deu conta até então de que estava olhando exatamente para a mesma montanha, mas de dois lados diferentes.

Aisha: Ah, estou entendendo. Você está dizendo que, assim como a montanha que o explorador viu da selva se revelou exatamente a mesma montanha que ele vira do deserto, a dor pode revelar-se um certo estado do cérebro. A dor e o estado do cérebro também podem revelar-se a mesma e única coisa.

Kobir: Exatamente!

Aisha: E o mesmo acontece com todas as nossas outras experiências conscientes também?

Kobir: Sim, é isso. O mesmo acontece quando nos sentimos felizes, quando experimentamos a cor amarela, quando experimentamos o gosto amargo, etc. Cada uma dessas experiências é, na verdade, apenas um estado do cérebro.

Aisha: Então *esta* — a experiência que estou tendo bem agora quando sinto o cheiro deste café — é apenas um estado do cérebro?

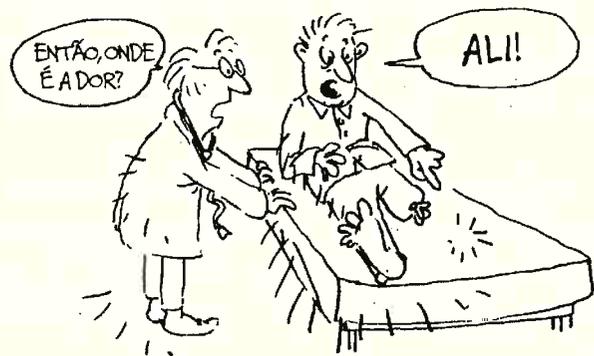
Kobir: Sim, é isso.

Vamos chamar a teoria de Kobir de que nossas experiências, etc. são realmente apenas estados do cérebro de *Teoria do Cérebro*.

"Mas a dor é no meu pé..."

Você pode estar se sentindo inquieto com a Teoria do Cérebro pelo seguinte. Certamente você pode pensar que, quando sinto uma dor no meu pé, a dor está localizada *no meu pé*. Portanto, não está no meu cérebro, está?

Esta é uma boa objeção à Teoria do Cérebro? Talvez não. Aqui está uma maneira de defender a Teoria do Cérebro dessa objeção. Às vezes, quando as pessoas têm de amputar as pernas parece-lhes que ainda conseguem senti-las. De fato, muitas vezes relatam sen-



tir dor nos pés. Mas é claro que essas pessoas não têm mais pés. Seus pés deixaram de existir.

Nesse caso, não seria correto dizer que a dor que essas pessoas sentem localiza-se em seus pés. Mas onde está sua dor se não está em seus pés?

Bem, essas pessoas não sentiriam nenhuma dor se algo não estivesse acontecendo em seus cérebros; então uma sugestão óbvia a fazer é que sua dor está em seu cérebro. E, se a dor *delas* está localizada no cérebro, presumivelmente a sua e a minha também.

O exemplo da água de Kobir

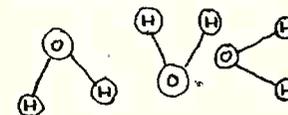
Aisha então perguntou o seguinte a Kobir.

Aisha: Está bem. Se a dor é um estado do cérebro — se ter dor é só certos neurônios estarem irritados no cérebro —, que estado do cérebro é?

Kobir: Tenho de admitir que não sei. Nós, os cientistas, não descobrimos ainda que estado do cérebro é a dor. Mas temos todos os motivos para supor que *vamos* descobrir um dia. Olhe esse copo de água. Sendo um cientista, posso dizer-lhe que água é H_2O . O copo está cheio de moléculas, cada uma delas formada de dois átomos de hidrogênio e de um átomo de oxigênio, assim.



Kobir fez um esboço desse diagrama na capa do cardápio.



Kobir: Os cientistas demonstraram que H_2O é exatamente o que a água é. Descobriram que água e H_2O é *exatamente a mesma coisa*.

Aisha: O que tem isso a ver com a dor?

Kobir: Bem, acredito que um dia os cientistas descobrirão igualmente que estado do cérebro é a dor. Talvez cheguem a isso escaneando os cérebros das pessoas com dor.



Estou dizendo que, assim como a água revelou-se H_2O , a dor vai revelar-se um certo estado do cérebro. Por que não?

A Teoria do Cérebro de Kobir realmente soa muito “científica”, não é? Na verdade, muitos cientistas acham óbvio que algo como a Teoria do Cérebro deve ser verdadeiro.

O argumento do extraterrestre sem olhos

Mas Aisha ainda tinha certeza de que a Teoria do Cérebro estava errada. Para ela, parecia óbvio que suas experiências conscientes não poderiam ser estados do cérebro. Então fez uma última tentativa para explicar o motivo de suas dúvidas.

Aisha: Acho que ainda acredito que sua Teoria do Cérebro é falsa.

Kobir: Por quê?

Aisha: Já expliquei por quê. Os cientistas do cérebro podem entrar no meu cérebro. Mas jamais podem penetrar na minha mente. A mente é meu lugar privado, bem separado do mundo físico.

Kobir: Ainda não tenho certeza de que entendo seu argumento.

Aisha: Está bem. Vou dar-lhe outro exemplo. Quero *provar* a você que minhas experiências nada têm de físico.

Kobir: *Provar?* Duvido!

Aisha: Aceito o seu desafio. Vou contar-lhe uma história: a história dos *extraterrestres sem olhos*.

Kobir: Extraterrestres sem olhos?

Aisha: Sim. Imagine que existam criaturas extraterrestres inteligentes que não têm olhos. São completamente cegas.

Kobir: Então como se movimentam por aí?

Aisha: Principalmente pelo tato — têm braços longos, ondulados, parecidos com tentáculos — e pelo som — têm ouvidos grandes, sensíveis, como os morcegos.

Claro que esses extraterrestres também têm consciência. Também têm experiências conscientes. Mas, como não têm olhos, não têm nenhuma experiência de cor. No entanto, os extraterrestres têm muita curiosidade sobre nós, humanos. Em particular, gostariam

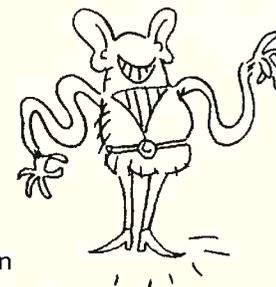


de saber como é ser um ser humano, de ter a experiência do mundo como nós. Gostariam *especialmente* de saber como é a experiência da cor: de ver a cor vermelha, por exemplo. Portanto, os extraterrestres fazem o seguinte: raptam você.

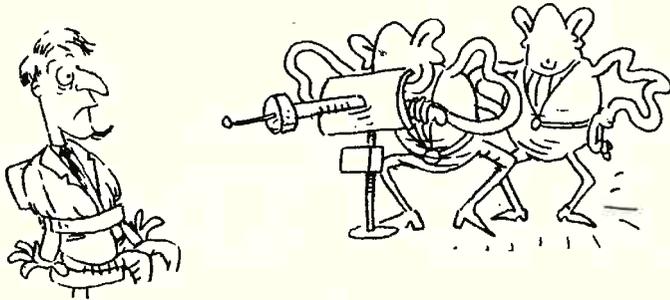
Levam-no em seu disco voador. Amarram-no. Depois fazem-no olhar para muitas coisas diferentes que sabem que descrevemos como vermelhas: uma garrafa de *ketchup*, um morango, etc.

Kobir: Estranho! Por que fazem isso?

Aisha: Bem, quando você olha para essas coisas, você tem a experiência da cor vermelha. Então, enquanto você está tendo es-



sas experiências, os extraterrestres escaneiam seu corpo usando um *scanner* incrivelmente avançado.



Esse *scanner* informa os extraterrestres sobre *absolutamente tudo* o que há para saber acerca do que está acontecendo dentro de você *fisicamente* quando você está tendo a experiência do vermelho, inclusive o que está ocorrendo em seu cérebro.

Kobir: Absolutamente tudo? Até o último átomo?

Aisha: Sim. Absolutamente tudo. Agora, a grande questão: toda essa informação *física* sobre você vai revelar aos extraterrestres *o que é realmente* ter uma experiência do vermelho?

Kobir: Hmm. Não, acho que não. Eles são cegos. Então ainda não saberão *como é* ver a cor.

Aisha: Exatamente. Parece que, por mais informações que os extraterrestres reúnam sobre o que está acontecendo dentro de você *fisicamente* quando você tem a experiência, inclusive o que está acontecendo dentro de seu cérebro, isso ainda não revelará aos extraterrestres *como realmente é* a experiência do ponto de vista de quem a está tendo.

Kobir: Entendo.

Aisha: Esta é minha prova de que a Teoria do Cérebro é falsa. Os extraterrestres *não* sabem que você está tendo *esta* experiência — a experiência que você e eu temos quando olhamos para a garrafa de *ketchup*. Certo?

Kobir: Certo, concordo que ainda não sabem *este* fato.

Aisha: Mas o *scanner* informa a eles todos os fatos *físicos* a seu respeito, certo?

Kobir: Certo.

Aisha: Portanto, disso decorre que o fato de que você está tendo esta experiência não é um fato *físico* seu! A própria experiência *não é física!*

Kobir: Mas isso não pode estar certo.

Aisha: Está certo!

Kobir: De forma alguma! A experiência *tem* de ser algo físico. Simplesmente *tem* de haver algo errado em seu argumento!

Aisha: O quê?

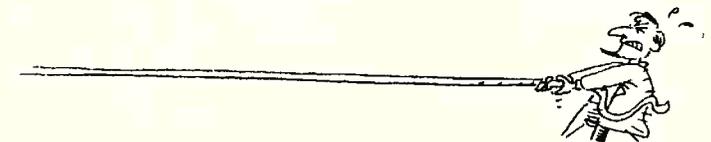
Kobir: Bem, não sei.



O mistério da mente

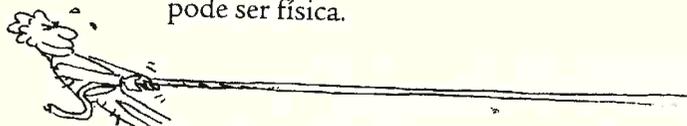
Vamos voltar ao ponto de partida para ver até onde chegamos. Estivemos examinando a questão: *o que é a mente?* A mente é de certa forma *parte* do universo físico? Ou a mente é algo adicional; algo que existe *adicionalmente* ao físico? Ao tentar responder a essa questão, vimo-nos sendo puxados para duas direções diferentes ao mesmo tempo.

Kobir puxou-nos numa direção.



Ele deu um argumento que parece demonstrar que de certa forma nossas mentes devem fazer parte do universo físico: parece que, se nossas mentes não fossem físicas, não seriam capazes de fazer nossos corpos se moverem, mas são capazes disso.

Por que então não aceitar simplesmente que nossas mentes são físicas? Porque Aisha tem um argumento que nos puxa para outra direção. O Argumento de Aisha dos Extraterrestres Sem Olhos parece demonstrar que os fatos sobre o que ocorre em nossas mentes estão escondidos de uma maneira que os fatos físicos sobre nós não estão. Neste caso, aparentemente a mente não pode ser física.



Parece, portanto, que a mente tem de ser parte do mundo físico. No entanto, por outro lado, parece que não pode ser parte do mundo físico. Então faz parte de qual mundo? Tenho de admitir que não tenho certeza. E não sou o único a não ter certeza. Hoje, nas universidades do mundo todo, os filósofos e os cientistas continuam a debater-se com a questão de como nossas mentes e nossos corpos físicos se relacionam.



O que você acha?

Os arquivos filosóficos

Stephen Law

Ilustrações de Daniel Postgate
Tradução de Marina Appenzeller

Martins Fontes
São Paulo 2003